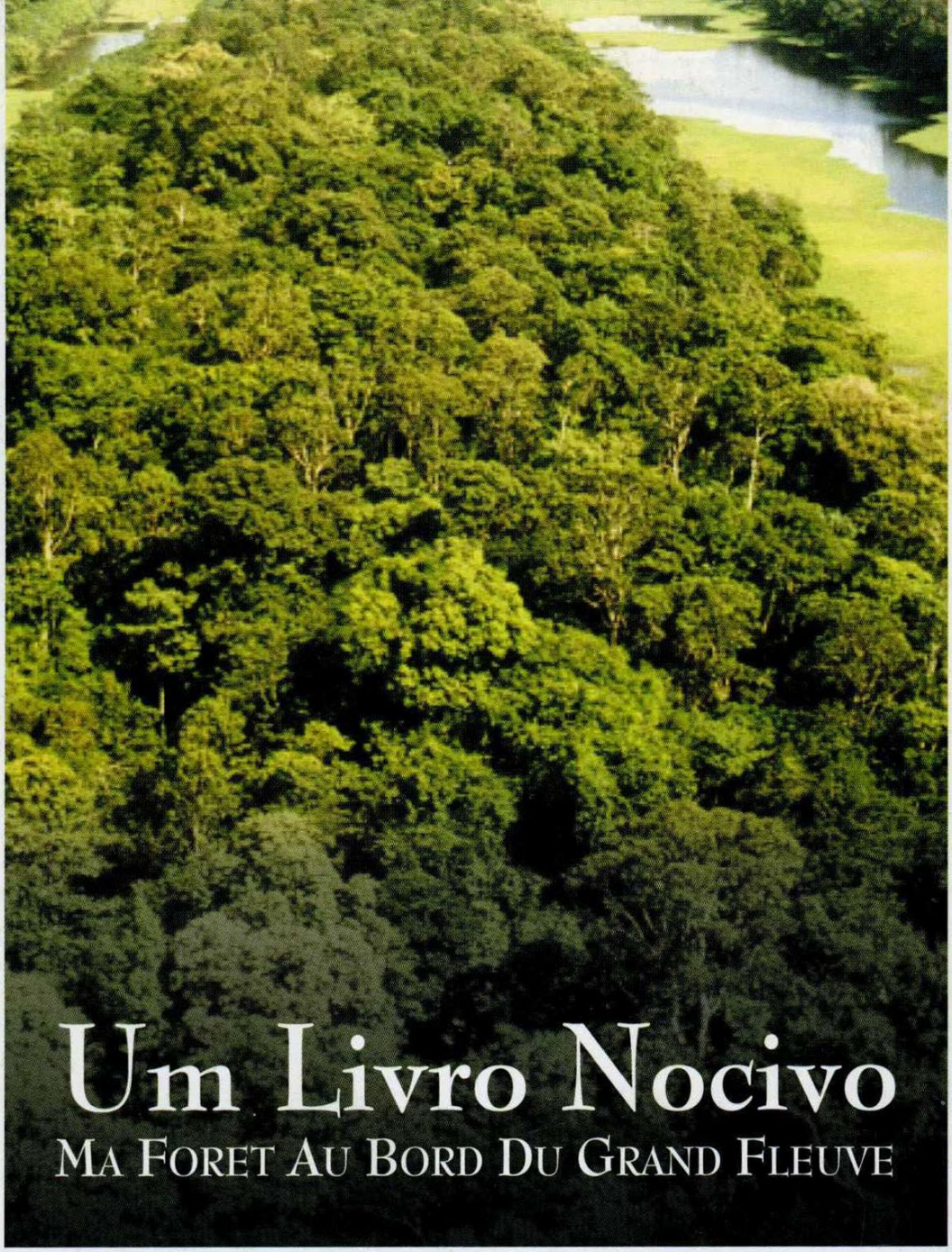
Coleção Documentos da Amazônia Nº 38



Um Livro Nocivo

Ma Foret Au Bord Du Grand Fleuve

Fac-similado

Mário Ypiranga Monteiro

Edições Governo do Amazonas

GOVERNO DO
AMAZONAS

Governador do Amazonas
Amazonino Armando Mendes

Vice-Governador do Amazonas
Samuel Assayag Hanan

Secretário de Estado da Cultura, Turismo e Desporto
Robério dos Santos Pereira Braga

Secretária Executiva de Estado da Cultura, Turismo e Desporto
Vânia Maria Cyrino Barbosa

Secretária Executiva Adjunta
Inês Lima Daou

Assessor de Edições
Antônio Auzier Ramos

Associação dos Amigos da Cultura
Saul Benchimol
Presidente

Alberto Paixão Gonçalves
Diretor Executivo

SEC
Secretaria de Estado da
Cultura, Turismo e Desporto

Av Sete de Setembro, 1546 - anexo ao Centro Cultural Palácio Rio Negro
69005-141 Manaus - Am - Brasil Tels (92) 633 2850 / 633 3041 / 633 1357 - Fax (92) 233 9973
e-mail sec@visitamazonas.com.br - www.visitamazonas.com.br

Mário Ypiranga Monteiro

Um Livro Nocivo

MA FORÊT AU BORD DU GRAND FLEUVE

(Fac-similado)

Coleção
Documentos
da Amazônia
N. 38

Edições Governo do Estado
Manaus - 2001

Copyright 2001 Governo do Estado do Amazonas
Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto

Acompanhamento Editorial: Editora da Universidade do Amazonas - EDUA

Editoração Eletrônica: Lídia Santos da Silva

Capa: Lídia Santos da Silva

Monteiro, Mário Ypiranga
Um Livro Nocivo - Ma Forêt Au Bord Du Grand Fleuve/ Mário Ypiranga Monteiro (fac-similado). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.
22 p.: 21cm (Coleção Documentos da Amazônia, n. 38)

1. Amazônia - História I. Título

CDD 981.2 CDU 981(811.31)

O que estamos conseguindo realizar nas atividades culturais de modo geral não tem paralelo no governo. No campo editorial já superamos todas as marcas, dando oportunidade aos novos escritores, reeditando clássicos da Amazônia, reanimando autores que, de há muito, não manifestavam interesse em retornar às lides literárias, gerando emprego na indústria editorial, renda e permitindo, o que é mais importante, que as prateleiras das livrarias e bibliotecas sejam permanentemente renovadas de autores com vinculações com a nossa terra.

E ainda há muito para realizar. E vamos persistir neste trabalho de ideal e preparação do futuro.

Neste título festejamos de forma especial o professor Mário Ypiranga Monteiro, símbolo das letras no Amazonas.

Amazonino Armando Mendes
Governador do Estado do Amazonas

Apresentação

Polemista, Mário Ypiranga Monteiro não cala quando toma conhecimento de impropérios, inverdades, ofensas à história do Amazonas, especialmente no que se refere ao Teatro Amazonas, monumento de maior relevo de Manaus e de grande importância para o Brasil, ao qual ele dedicou longos anos de estudo minudente, capaz de produzir quatro volumes de uma obra específica.

Este volume da Coleção Documentos da Amazônia, das edições Governo do Estado do Amazonas dá ampla divulgação ao artigo de jornal, lançado no *Jornal do Comércio* de Manaus de junho de 1977, para repor a verdade deformada por trabalho publicado acerca do Teatro Amazonas, quando da restauração realizada no governo João Walter de Andrade (1971-74).

O autor contestado fez publicar em França um trabalho sobre o Amazonas, segundo ele louvado em depoimento de Sebastião Bastos, tratando de vários assuntos do Amazonas, sua história, monumentos e paisagens. Claude Mossé foi infeliz, faltou com a verdade, errou, claudicou, falaciou em muitos pontos, e tudo creditou ao informante do Amazonas.

Mário Ypiranga Monteiro deu-lhe resposta à altura pela imprensa de Manaus e depois publicou em forma de livro todas as suas respostas, contundentes respostas, as mesmas que agora são reeditadas nesta coleção.

Robério Braga

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

UM LIVRO NOCIVO

MA FORÊT AU BORD DU GRAND FLEUVE

EDIÇÕES NHEENQUATIARA

5

MANAUS, 1986

MÁRIO PRAÇA MONTEIRO

UM LIVRO NOVO

MA FORÊT AU BORD DU GRAND RUISSEAU

EDIÇÕES INTERNACIONAIS

S

MANAUS, 1954

SEBASTIAO BASTOS

LA FORÊT DU BORD DU GRAND

récit recueilli par Claude Mossé

ROBERT LAFFONT

DENUNCIO ao povo brasileiro, com especial referência ao amazonense, o livro MA FORÊT AU BORD GRAND FLEUVE como mentiroso, tendencioso, ofensivo à dignidade e à cultura nacionais.

Há dez anos (1976) o senhor Sebastião Bastos, que nunca foi de expressar-se corretamente a respeito de assuntos referentes à sua terra, ditou para o jornalista francês Claude Mossé, em Paris, enxurada de asneiras e de ofensas à história, à sociedade e às instituições nacionais. Nosso dever é rebater e declarar nocivas e infames as proposições dos referidos autores do livro que adiante criticamos.

M.Y.M – 1986

Este trabalho foi publicado no
JORNAL DO COMÉRCIO,
de Manaus, edições de 1 a 4 de junho de 1977.

NOTA IMPORTANTE

Antes da recuperação do Teatro Amazonas em 1972, governo Ceronel João Walter de Andrade, as escadarias laterais de acesso ao pavimento superior eram de madeira (acapu-pau amarelo). Sendo o autor desta crítica o presidente da Comissão encarregada de fiscalizar as obras de recuperação do edifício, decidiu substituir s escadas de madeira por outras de mármore de Carrara, de acordo com o projeto original.

"MA FORÊT AU BORD DU GRAND FLEUVE" do escritor francês Claude Mossé é um livro atentatório à dignidade do povo brasileiro e uma revelação da baixa cultura e moral do autor. Merece o repúdio dos bons brasileiros e merece também ser incluído no rol dos atos afetos à segurança nacional porque veio criar uma imagem falsa da realidade brasileira, do espírito de humanidade que sempre foi um apanágio nosso. Não se trata apenas de grosseiras mentiras e embustes favorecidos pelo absentismo. Desses nós trataremos logo mais. Acontece que certas passagens do livro ofendem direta e abertamente à administração federal e estadual, dizem mal da família brasileira, apresentam um retrato nada lisonjeiro da política interna e da inteligência nacional. A opinião que o europeu faz do Brasil ainda é muito retardada para permitir-se que num livro infame se fale abertamente em massacres de índios e outras balelas.

Há muito tempo a Amazônia tem servido de laboratório para experiências desse feitio, mas neste século e com o progresso brasileiro evidente e indiscutível não se pode deixar de condenar incursões malévolas ao território da nossa hegemonia. O livro em francês não está longe do mérito das obras de um André Thevet, de um Marcel Homet, de um Onfrey de Thoron e poderia, por um lado, situar-se na faixa picaresca dos Tartarin de Tarrascon. Vejamos o pitoresco, o enorme acúmulo de sandices escandalosas, que não são simplesmente inspiração do autor, mas resultam de norma estabelecida também para o conteúdo de certas instituições especialistas em manter "guias" imbecis e incultos.

Logo de saída, na página dezenove o autor ensina, pela palavra do seu "guia", que Gustavo Eiffel construía a grande escadaria de mármore de Carrara do Teatro Amazonas, repetindo-se a inverdade na página oitenta e dois; e que madame Sara Bernhardt veio "expressamente a Manaus apresentar "L'Aiglon" e Carmen. Levamos mais de vinte anos pesquisando a história do nosso Teatro Amazonas, publicada em três volumes, ilustrados e nunca jamais soubemos da existência de escadarias de mármore de Carrara dentro do Teatro, mesmo porque não haviam com também a grande artista inglesa nunca veio a Manaus. Mas os "guias" turísticos continuam a falar de Capranesi, de Sara Bernhardt, de Caruso e de outras fantasias porque não se dão ao trabalho de consultar bons livros. Mais tarde, página quarenta, o informante dirá que a mesma madame veio inaugurar o Teatro Amazonas em 1907! Ora, hoje se sabe sem sombra de dúvida, porque publiquei a documentação, que o Teatro Amazonas foi inaugurado em 31 de dezembro de 1896 com a ópera "Gioconda" pela Companhia Lírica Italiana. É corrente que todas as informações dadas ao autor do mistifório saíram dos conhecimentos gerais (o autor o diz ("Récit recueilli" e apresenta em outra de forma o nome de Sebastião Bastos) de conhecido funcionário da Prefeitura Municipal, cujo nunca foi índio e nem passou a vida inteira na selva. Se tivesse passado não teria fornecido tantas informações contraditórias e até burlescas. Refraseando: não existe nem nunca existiu no Teatro Amazonas nenhuma escadaria de mármore (de Carrara ou de outra parte) feita por Gustavo Eiffel. O Amazonas nada deve a esse engenheiro francês autor daquela casa de ferro existente em Iquitos e lhe ignora o nome.

Há em Manaus atualmente uma meia dúzia de cidadãos até certo ponto admirados, que nada fizeram na mocidade e que chegaram à velhice de mãos abanando. Olham para trás e sentem o vazio enorme de suas existências pregressas, existências nulas de cultura, de competência. Para compensar essa perda passaram a deitar falação, aparecem como autoridades em história e outras disciplinas sérias, mas certamente jamais abriram os livros escritos com a finalidade de estabelecer a diferença entre vigarismo e conhecimento. O livro de que nos ocupamos provavelmente não foi inventado pelo "escritor" Cláudio Mossé, mas pode haver sido adulterado com a finalidade exclusiva de macular, de enxovalhar a nação brasileira. Acontece porém que nós outros conhecemos muito bem a história da França. Talvez melhor que o próprio Mossé...

Naquela mesma página o autor do livro, sempre abonando o senhor Sebastião Bastos, seu cireneu, diz que todo dia chove em Manaus e às mesmas horas e que São Sebastião é o orago dos seringueiros. Dois erros idiotas, pois em Manaus não chove torrencialmente todos os dias e às mesmas horas (o que parece ocorrer em Belém) e o patrono dos seringueiros é mesmo o fusco São Benedito.

As mentiras, os embustes, a ignorância palmar do autor afloram em cada página, chegando-se ao ponto de declarar que fora da "floresta" amazônica a hévea não pode sobreviver! A realidade mostrou que sim e que perdemos o primado da produção e exportação por causa da concorrência racional das plantações do Oriente. Mas certamente não se deve a nenhum cidadão Wickham a culpa da transferência do mercado para o Oriente. Essa desculpa foi engrenada com o fim de esconder a realidade, quando sabemos que

comerciantes de Manaus exportavam não somente sementes de seringueira como também amêndoas de uricuri! O livro está reforto de piadas grosseiras do tipo destas: o senhor S. B.viu a última pantera negra em 1937 ou 38; as prisões de Manaus são cheias de escorpiões e de índios sem julgamento. Acusa-se a FUNAI de todos os crimes possíveis contra os índios, inclusive de haver metido no xadrez a um sacerdote de Mato Grosso que denunciou a corrupção dos funcionários daquela administração. A sabedoria do autor da marmelada vai indo aos tropeços: de 1875 a 1912 morreram milhões de seringueiras! Mas o ridículo também surge numa forma romântica de entreguismo suspicaz: a lamentação da França nos haver abandonado; e acusa soldados norte-americanos de haverem massacrado tribos indígenas quando procuravam petróleo! Acusa os norte-americanos (gringos) de haverem roubado a nossa independência! Diz que em 1851 um explorador escocês (químico) descobriu as virtudes da impermeabilidade da borracha! E nós que já sabíamos de fonte limpa e segura que antes de La Condamine os indígenas fabricavam impermeáveis e até dom João VI foi presenteado com um par de botas de borracha.

Em matéria de história o "escritor" ou quem quer que seja que o haja informado é um águia. Vejam como se repete a história da fundação de Manaus: "Em 1700 as tribos Júri e Cabariquena se instalaram definitivamente um pouco acima da confluência, entre o rio Negro e o Amazonas. Acharam excelentes madeiras para construir suas canoas e a confluência constitui uma posição estratégica importante contra as outras tribos." "Todo mundo em Manaus guarda a lembrança do primeiro mestiço. Uma praça da cidade pora seu nome:

Bernardo Toscano de Vasconcelos ou Crispim Lobo de Sousa" (página quarenta).

No meu vasto "Roteiro histórico de Manaus" não consta essa praça nem tais nomes, nem muito menos esse arremedo de história, que é pura invencionice de quem informou e de quem escreveu.

Existem no livro insinuações capciosas, como este exemplo (página quarenta): "No mesmo ano (1907), um suíço, Alexandre Deneriaz, morto há pouco", "instala a eletricidade em Manaus, antes do Rio, e dota a cidade de uma linha de bondes, com doze quilômetros, a primeira da América do Sul". Grossa parvoiçada. Desde 1892 Manaus possuiu luz elétrica (arco voltaico) e não teve, nunca teve bonde puxado a burro, como diz o mistificador. Mas nem o bonde elétrico e nem a luz constituem privilégios de Manaus, pois o Rio de Janeiro os teve primeiro. Fato histórico.

Segue o enterro: cadáveres de índios bóiam nas águas do rio Negro ou ficam à mercê dos urubus porque a Municipalidade não dava importância, e uns três ou quatro corpos de doentes eram recambiados pelo hospital dos Seminaristas. Ora vejam a lorota! Naquele tempo Manaus já possuía três hospitais bem aparelhados: Santa Casa de Misericórdia, Beneficente Portuguesa e Hospital Militar, e não havia hospital de seminaristas. Sabemos que houve realmente epidemias de varíola, beribéri, febre amarela e outras, mas a letalidade era comum e a Europa não se eximiu de algumas delas. O autor desse livro pensa que nós ignoramos a existência de vetores de paludismo em Paris! As imbecilidades são tantas e tamanhas que até a juta aparece em 1900!

Na faixa da ciência o escritor Cláudio Mossé ultrapassa tudo quanto já se escreveu: descobriram os dois sócios ser o pirarucu mamífero! A língua do pirarucu (note-se bem, a língua!) é utilizada pelas mulheres do Amazonas como lixa de unha! Todo mundo sabe que as escamas, as mais tenras.

Agora as ofensas assacadas contra a família amazonense (página cinqüenta e oito) "As moças de Manaus não são mais do que mulheres vendáveis ou de aluguer", "Manaus é o mais fantástico bordel do mundo" (página quarenta e um). Referência do Brasil: "Um conselho: se uma moça vos favorece, hesitai; a lembrança não será forçosamente agradável, mais tarde. As meretrizes de quatorze ou quinze anos", "não são mais perigosas que as mocinhas da boa burguesia do Rio. Há tantas doenças venéreas no Brasil que os homens são praticamente vacinados desde a adolescência". "Para os estrangeiros a prudência se impõe. Eu repito, alhumes se utilizou a sífilis para destruir certas tribus indígenas de Mato Grosso".

Nem o autor do manual de estupidez nem o informante sabem que o "mal francês", o galico, foi introduzido no Brasil, na América, pelos soldados e pelas mulheres erradas que a França sempre exportou como adendo de sua cultura. Existem crônicas do século XVIII muito alusivas na parte que se refere à Amazônia. IN FIDE GALLICA.

A mitomania e a erronia povoam o livro. O herói dessa aventura tipicamente provençal declara descaradamente que usava trepar numa embaúba para do alto (página sessenta e quatro, cinco) obter a vista panorâmica. Cremos que num pé de tomate seria

melhor. E lá vem o bonde, mesma página, o único da América do Sul com doze quilômetros de linha em plena floresta através de Manaus! Durma-se com um barulho destes e acorde-se cantando. O informante ouviu apenas cantar o galo. O primeiro sistema de locomoção de Manaus, do centro para o norte, até o bairro de Flores, antes do bonde elétrico, foi uma locomotiva a vapor. "Em 1905 as casas das ruas eram já iluminadas a eletricidade, mas o famoso bonde, de que restam alguns trilhos à altura do porto, era ainda tirado por cavalos; não foi senão em 1907 que com festas fantásticas, bailes e fogos de artifício, inaugurou-se a primeira linha eletrificada. Um acontecimento "que produz ciúme entre os habitantes de grandes cidades como Rio ou São Paulo" etc.

Informa-se para o mundo perplexo que o governador do Estado "recebia dinheiro de uns e de outros" para certas obras. Invés de um colégio. Se o informante conhecesse a história de Manaus sabia que até colégios dirigidos por cidadãos franceses existiram. Por exemplo, entre outros, o "Cours Saint-Joseph", rua da Independência, 33, Manaus, isto em 1906. Mas havia o Liceu Provincial, depois Ginásio Amazonense, a Escola Normal, conservatório de música, sociedades artísticas, cinemas, etc. Só muita ignorância ou má vontade faria um escritor dizer tantas inverdades de uma região que aceitava tipos ordinários da espécie do francês Alexandre Haag, ladrão e vigarista.

A fixação negativa contra a FUNAI é a nota desagradável em todo o livro. A três por dois lá vem a acusação contra funcionários do SPI, culpados de massacres ostensivos, até dirigidos de avião, contra índios! Quem será o responsável por essa hipostasia? Pela palavra do autor do livro imundo o informante

"começou a ver (com dois anos de idade, que preciosidade!) nas avenidas de Manaus os cadáveres de espiões ou considerados como tais", em 1909. Até parece novela rocambolesca. Na página setenta o seis vem o jeremíada das viúvas da borracha, acusando o súdito inglês Wickham de roubar sementes de seringueira, dando como responsável a um governador brasileiro pela "nossa ruína".

A par das degradantes e ofensivas informações, o responsável (ou responsáveis) pela montoeira de banalidades não se esquece de si próprio. Na página oitenta e dois encontra-se esta beleza, digna de um João Mandeville: "Pude enfim ver a torre construída por esse engenheiro de que todo mundo conhece o nome na Amazônia: Gustavo Eiffel. que, parece, imaginou algumas construções metálicas na América do Sul, como a casa de um rico plantador em Iquitos, Peru, e a escadaria do grande teatro de Manaus". Ora, a casa de ferro de fato existente em Iquitos, era um hotel adquirido por um desses liberais coronéis da época, obra de engenharia de Gustavo Eiffel, mas não foi construído exclusivamente para o usuário. Quanto a essa fabulosa escadaria, talvez os deuses a tivessem roubado, porque ela realmente jamais existiu. As infantilidades a par de um processo de construção da narrativa quase ucrônico, ou pelo menos no estilo faulkneriano, demonstram que o autor jamais teve noção de equilíbrio estético e isto parece comprometer-lhe o psicologia, pois só um psicopata, um nevrótico da guerra seria capaz de intercalar os quadros históricos numa visão cubista. Por exemplo diz ele (página oitenta e cinco) que se está transformando a Amazônia num deserto com a procura de petróleo. Aliás a campanha difamatória contra o "deserto amazônico" (existem

tantos desertos no mundo para serem criticados!) ocorre até em desviar a câmara para outras situações. A selva amazônica vem sendo usada há centenas de anos pelos indígenas e caboclos e não se atrofia, mas regenera-se. O resto é conversa fiada... Que o governo federal continui abrindo estradas, pois são essas estradas a salvação da Amazônia.

As divagações do informante senhor Sebastião Bastos sobre costumes indígenas provocam barrigadas de riso. Só mesmo para francês ver... e naquela página é desferido outro ataque ao serviço de proteção aos índios, com "funcionários pouco escrupulosos". O excesso das mil e uma diatribes não revelou uma só vez que funcionários do antigo SPI, que eu conheci de perto, e agora da FUNAI, morreram no seu posto de honra para defender os ensinamentos cristãos e filosóficos do ínclito general Rondon, os mesmos ensinamentos filosóficos que o impertinente e pouco hábil informante ataca e detesta com a sua carolice sarática.

Em qualquer parte do livro o sensacionalismo vem ensinar-nos que o Hotel Amazonas, de construção bem recente, é o último vestígio do esplendor da borracha! Ridícula e sensaborona é a fantasia mirabolante a respeito das Amazonas guerreiras. Declarar também, por várias vezes, que os indígenas da Amazônia não suportam o álcool é ignorar que desde séculos eles fabricam toda espécie de bebidas temulentas. Todos nós em Manaus sabíamos que o senhor Sebastião Bastos, que passa por abonador do jornalista Claude Mossé, e seu irmão Geraldo, eram jogadores de futebol, mas que foram os campeões do Norte em 1917, 1918 e 1919 só investigando, porque como diz o livro em

todas as páginas sujas o contelizador passou seu tempo respirando o oxigênio da selva, poucas vezes vindo a Manaus e só a negócios. Também foi campeão, em 1917, de nado livre a cem metros. Essa situação úbigua do sr. Bastos, no livro, deixa a gente desconfiado de que ele tem pacto com o Macunaíma, aquele que estava ao mesmo tempo em vários lugares.

E lá vem mentira! Ao tempo em que o sr. Bastos andava expatriado lá pelas Suíças (porque ninguém sabe realmente onde ele andava, ora na França ora no Simplon fazendo fosquinhas a uma senhora brasileira) teve um romance com certa dama, romance de circunstância muito próprio dos beiradistas, e vejam quem era o marido da tal: o mesmo engenheiro que veio montar em Manaus a luz elétrica "depois de 1905"! Quanta burrice, meu Deus, e quanto vigarismo! Diz também na mesma página que todos os escravos vindos para o Brasil partiram da fortaleza de Dakar. Só se eram os escravos que a França fazia na Argélia, por aí assim...

É uma salada de infâmias e de tolazes insinuações. A mania de trazer a desmoralização do Brasil ao primeiro plano também chega aos bancos (de Belém) onde um caixa na ocasião da cambiagem de francos suíços para cruzeiros (?) furta mais da metade da imensa riqueza do próprio expatriado. E vejam esta: é noite, faz luar, e os urubus voejam em torno do navio... A respeito de urubus a coisa é de deixar o usuário com dor de barriga de tanta besteira. Quando ele, Sebastião Bastos, chega a Manaus, expatriado, o que vê? onde desembarca? Naquela imunda cidade flutuante ao lado do Mercado Público, felizmente desaparecida já, e que não existia em 1917. Mas também o Relógio Municipal entra nas mesmas divagações, um relógio que data

apenas de 1927 montado pelo professor Coriolano Durand. É de rir. Eu que escrevi a história do Teatro Amazonas, ignorava que a cúpula fosse de "mosaicos dourados", até ler o livro imbecil. E lá vem o Hotel Amazonas: existia no tempo em que o senhor Sebastião Bastos desceu no porto de Manaus (Mercado e não o roadway) um monumento histórico constituído de dois trilhos a lembrar que os nossos bondes só funcionaram durante seis anos: de 1907 o 1913! Só dando com uma pedra na cabeça dos dois historiadores.

A rua onde o sr. Sebastião Bastos (que no livro é sempre índio e não larga a flecha e o arco, havendo-os levado para a Suíça!) ora se chama Oliveira ora Carreira, nomes que jamais tiveram as ruas nas imediações da praça de São Sebastião.

A ofensa mesquinha à justiça do Amazonas e aos magistrados de ontem é também uma idéia fixa. Chega-se ao ponto de dizer que os juizes resolviam todas os questões tribunícias por "acordo das partes". No entanto os formidáveis acórdãos e as defesas magistrais estão ai em centenas de volumes. E que os cadáveres das vitimas dessa justiça flutuavam no rio Negro. Ao falar no zoo de Belém (Museu Goeldi) o canastrão diz que ele já foi um dos mais ricos do mundo. E lá vem a questão indígena, páginas cento e vinte e seis: os militares massacraram os índios de Porto Velho quando da construção da via-férrea. Eu possuo todas as obras que se escreveram sobre aquela ferrovia e jamais vi tal informação, sim, apenas recontros fatais na região, poucos, entre seringueiros e índios. Na página cento e trinta e um são aviões e helicópteros que metralham os índios. Na página cento trinta e oito o histrião assevera que todo brasileiro possui o senso da tragédia. Seria o

caso de perguntarmos se o francês não possui o senso do burlesco, mas não vamos desviar nossa crítica para o povo francês que não tem culpa de um vigarista andar maldizendo do amigo... Fala o roto do esfarrapado e o sujo do mal lavado. Na página cento o quarenta fala-se na Coca-Cola em 1915. Ataca a Refinaria de Manaus, declarando que ela polui (está na moda) a cidade. Na página cento quarenta e um o malandro declara que a água do rio Negro tem cor de carvão e que dá desinteria. Isto me lembra a célebre manteiga Lepelletir fabricada com o material extraído dos esgotos do Sena. Mas a água do rio Negro é mesmo clara e foi examinada centenas de vezes, inclusive por técnicos alemães e considerada de ótima qualidade. Os choques de idades, no livro, são comuns: em 1915 já se estava movimentando Altamira e a Belém-Brasília! Além de burro esse francês é sórdido! A respeito do nosso Relógio Municipal o "ilustre" escritor diz que "Os ingleses nos deixaram o Pequeno Bem", o relógio do porto, em troca dos grandes roubos. Diz que o relógio marca o hora de abertura do Mercado Municipal. Mas quanta burrice junta! Quanta invencionice! Quanta literatice malandra! O cara-de-pau também ousa meter-se a antropólogo. Diz ele que o Sol representa Tupã. Na página cento cinqüenta e nove diz que toda família brasileira pratica macumba. E que em Belém do Pará "praticamente cada casa é um centro macumbista". A prática da Umbanda, naquele tempo, fazia parte do ritual católico. Que asno! Não se esquece de alegar, de vez em quando, que os brasileiros vivem subjugados pelos norte-americanos. E lá vem o Teatro Amazonas, na página cento sessenta e sete: "Lucélia Peres, a grande cantatrice brasileira, fez estrondar a sala sob os aplausos. Homens navegaram dois meses para esta

única soiré." No meu livro "Teatro Amazonas", escrito sobre documentos históricos essa Lucilia Peres aparece em 1937 na Cia. Álvaro Pires. O patusco atrapalha tudo e isto parece um sintoma de amnésia. Não é de admirar, porquanto já se viu quem se lembrasse de "cor de abobrinha" da pintura interna do Teatro, e da cor externa rosa imperial no dia da inauguração do mesmo QUANDO ELE NÃO ESTAVA AINDA PINTADO DE CINZA EXTERIORMENTE. São coisas da vigararia da paróquia.

Na página cento sessenta e oito o memoralista desmemoriado informa ser costume em Manaus de todo mundo andar armado de revólver. Um novo Far West, descoberto tardiamente. E o Serviço Postal? O Serviço Postal foi inaugurado no Amazonas, oficialmente, em 1832, e a agência postal federal de Manaus em 1852, porém o megalômano diz que "a maioria dos habitantes de Manaus recebem regularmente cartas e revistas porque dispõem de caixa postal". E que os usuários levam três meses ou um ano para receberem pelo correio, porque as casas de Manaus não têm número nas portas! É demais! A numeração das casas de Manaus começou a ser feita regularmente em 1830 quando a cidade era apenas lugar, porque as pessoas eram muito conhecidas, e os agentes do correio eram os regatões. Pior é o que segue: o Correio Central só abre durante uma hora por dia e é difícil achar-se um selo! Essa besta ignora e descompassada não sabe que em 1915 havia em Manaus as caixas coletoras de correspondência fixadas em quase todas as esquinas. Anotem isto: "a atividade de Manaus com o mundo exterior vem da criação da Zona Franca". Só pode ser palhaçada. Ninguém vai admitir que o sr. Sebastião Bastos ignorasse as

relações (ontem mais largas do que hoje) do Amazonas com o mundo exterior. Essas relações eram tão grandes que cerca de vinte mil volumes foram escritos sobre a Amazônia, inclusive por franceses como Julio Verne. Nós tivemos cinemas no princípio do século onde eram mostradas as atividades de Santos Dumont em Paris, a guerra Russo-Japonesa, etc.

O fabulista escrevendo de 1915 situa a agência do Correio onde ela se encontra atualmente. No entanto a primeira agência do correio que Manaus teve estava localizada na própria Alfândega velha, passando depois a um sobradão da rua Barroso e já na minha infância funcionava num, prédio onde foi mais tarde o consulado da Holanda vizinho do atual Banco do Brasil. E segue: em 1914 não havia conhecimento em Manaus dos métodos cirúrgicos. E na França havia? Os métodos cirúrgicos eram tão excelentes em Manaus que famosos médicos daqui podiam competir com patrícios do Rio de Janeiro e de Paris. O senhor Bastos, em 1915 certamente não é o responsável pela confusão de datas que se encontra no livro, mas é-o certamente pelas informações erradas transmitidas ao jornalista biruta, que ora confunde Província com Estado. A tribo dos Orejones está localizada num dos afluentes do rio Negro! mas a viagem de dois meses que eles fazem (o repórter e o Bastos) não se sabe se acaba em Iquitos ou na caixa-prego! O asno do autor só dá patadas! Outra vez o porto de Manaus atulhado de sacos de mandioca ou de cachos de bananas (é a entrada da rua de São Domingos para a rampa do Mercado) com os gritos dos vendedores, os pescadores de pirarucu. O safado faz por ignorar o nosso magnífico porto construído no início do século, a fim de que fique desmoralizada a paisagem

amazônica. Isto tudo porque ele simplesmente ignora que uns vinte escritores franceses estiveram em Manaus durante todos esses anos e disseram de nós coisas maravilhosas, isto é, não faltaram com a verdade.

Nas páginas setenta e sete o subscritor da marmelada descobre que no Amazonas a noite cai às quatro horas da tarde! Para ele as margens do rio Amazonas são padronadas de árvores de borracha e de coqueiros e os macacos perseguem os viajantes atirando-lhes cocos à cabeça. Só dando com um coco na cabeça desse jornalista, a ver se ele sofre algum "estalo". E esta: para agradar a uma tribo indígena você não terá mais que presentear-lhe com utensílios de cozinha! Será que a FUNAI sabe disso? No tempo em que o senhor Bastos andava vegetando na selva já havia lâmpadas de pilha, lanternas manuais. Na página cento oitenta e quatro é de dia mas de repente, sem aviso prévio, é de noite, e dessa transição brusca não se dá conta o jornalista mentiroso e embusteiro. Cuidado com um jacaré ferido! ele exerce fascinação sobre você e o devora! (pág. 185). Aliás as digressões sobre os jacarés são admiráveis pela estupidez!

E os médicos do Amazonas? Praticavam a eutanásia (pág. 187). A confusão com os índios Orejones, sua localização, não é deste mundo! (págs. 192-93). Medite-se nesta: no ritual da moça nova entre os índios, a bebida que servem ao visitante branco é uma mistura de esperma e urina! Só dando nesse cara com uma chocolateira velha! No Amazonas, em 1915, pelo Natal não se usava o pinheiro e sim a árvore da borracha "Antes sesse", já era uma prova de nacionalismo. E esta: a lua-cheia é o Natal dos índios, é quando Tupã renasce (pg. 202). Que sumidade antropológica a França está perdendo na pessoa desse

jornalista Claude Mossé! Nem Quatrefages! Nem o abade que descobriu ser o esqueleto da rã fóssil o esqueleto de Adão!

As mentiras ocorrem paralelas às confissões de ignorância elementar e de ofensas à dignidade das forças armadas brasileiras que por duas vezes pelo menos foram à Europa ajudar a França, defender a sua cultura. Em matéria de história natural elementar o "escritor" Claude Mossé é tapadíssimo! Já vimos o seu pirarucu mamífero e agora perceba-se esta beleza que fere a teoria do conhecimento (pg. 206): "Um urubu dá de beber a seus filhotes" na fonte de mármore de Carrara construída na Itália e que ornamentava a casa do Sebastião Bastos situada em frente ao Teatro Amazonas, na rua de Oliveira. Jamais houve tal casa e tal fonte e a rua nunca teve tal nome! A inimizade contra a Maçonaria aparece junto à "culpabilidade do governador do Estado de Manaus". O trôpego não sabe distinguir o que é município do que é Província e Estado.

A estupidez do jornalista Claude Mossé atinge o climax do ridículo quando ele revela para o mundo perplexo (pg. 208): "Os peruanos e os bolivianos não cessam de atacar as aldeias e os caboclos isolados entre Letícia e Benjamim Constant, nas fronteiras frouxas dos três países. Os oficiais brasileiros, embora todos formados nas escolas militares do Rio ou de São Paulo (ele nunca escreve São Paulo) são totalmente incapazes de limitar os desgastes. Eles empregam mesmo a nova máquina, em moda, o avião, para sobrevoar as regiões onde se encontram as forças bolivianas. Sem resultado, é claro. Eles expediram portanto um CARIOCA, o mais ruim desses aparelhos, muito bom para acabar num pântano de crocodilos. Santos Dumont. Um verdadeiro acrobata, pretende o governador".

Leram?Pasmaram, Entenderam? O "jornalista" e "escritor" Claude Mossé ignora que Santos Dumont fez as suas acrobacias na França, deslumbrando os basbaques de Paris e que jamais esteve no Amazonas e muito menos pilotando aviões Cariocas. Mas a burrice chapada possui dessas eventuais liberalidades e não se pode exigir muito de quem deve de haver feito péssimo curso universitário, se é que fez.

Depois de colocar a Bolívia nas mesmas coordenadas geográficas de Letícia, oferece o espetáculo idiota de reconstituição "histórica" ao jeito e estilo das do Barão de Munchausen. Existem mais e numerosos exemplos da alta capacidade intelectual do "escritor" vigarista que teve a rara sorte de encontrar em Manaus um guia do seu estofo. É só o que podem oferecer certas mentalidades, aquelas que comumente são chamadas de embusteiras.

O serviço militar do sr. Sebastião Bastos, em 1917, por especial deferença das autoridades, foi feito na selva por um contrato de pré-engajamento. Que farsa! O governador que fez essa maravilhosa concessão sebastianesca deve ter a mesma mentalidade daquele outro que mandou pintar de cor-de-rosa o Teatro Amazonas para a delicada sensibilidade de um "memorialista" desmemoriado. O governado era general, estava vestido de roupa marrão com estrelas. Na sala havia ventiladores, tapetes e móveis suntuosos que adquiriu a baixo preço a algum proprietário falido (pág. 209). Na página 211 vem essa ofensa ao exército brasileiro: "Os militares no Brasil têm sempre a impressão de serem os justiçadores do povo. Os agaloados são sempre em razão da politicagem".

Saborosa é a lição de geografia política apresentada pelo capcioso "descobridor" da Amazônia

(pg. 214): "O nomeado nascido Bastos, Sebastião Ferreira, de acordo com as suas declarações, a 19 de janeiro de 1900, no Jamari, registrado civilmente por ato devidamente assinado por seu pai no cartório civil de Manaus, está afeto à base de infantaria de Benjamim Constant, província de Letícia, na qualidade de soldado, guia militar da selva. Partirá pelo primeiro transporte fluvial. Feito em Manaus, 4 de janeiro de 1916. O governador militar da Força de Manaus".

O trecho acima é a própria caricatura moral-intelectual do autor do livro MA FORÊT AU BORD DU GRAND FLEUVE. Está eivado de erros de palmatória, porém colocar o município de Benjamim Constant na Província de Letícia é exagerar demais o modesto tamanho das orelhas da mediocridade. Vá ser burro assim na caixa-prego!

Na mesma página citada no tópico anterior o escritor das Arábias diz pela voz do senhor Sebastião Bastos: "de 1916 a 1959, durante quarenta e três anos, quase meio século, não passei mais de oito semanas em minha casa de Manaus". A sabedoria paremiológica ensina que mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo. Ora todo mundo já sabia que o senhor Bastos era exímio jogador de pebola em Manaus, aliás o "melhor craque no Norte", e mesmo campeão de todos os pesos pesados, leves e maneiros e como se entende que passando tanto tempo no meio da selva viesse a aposentar-se pela Prefeitura Municipal? Bem, em Manaus tem acontecido muita coisa milagrosa.

Na página 217, aparece finalmente o nome do governador, o tal "que não conhecia senão lugares do Rio e era instrutor da Escola Militar". Chamava-se Felício. A confusão está patente, com duas pessoas distintas exercendo um mesmo cargo. Alusão ao dr.

Eduardo Ribeiro que era professor de Matemáticas da Escola Militar e ao governador dr. Fileto Pires Ferreira, ambos militares, ambos governadores do Estado. Mas não em 1916! Isto me faz lembrar uma célebre Cartilha mandada construir nos estaleiros da Secretaria de Educação e que apresenta o Teatro Amazonas "construído por Eduardo Ribeiro em 1910"!

A marmelada do "jornalista" e "escritor" Claude Mossé é intragável. Já li muito livro francês infame, repulsivo, patológico, mas esse resolveu passar a perna no Tartarin de Tarrascon... "Um sub-oficial que cursou direito no Rio me disse um dia: é na Bolsa de Nova York ou de Londres que se "decide a sorte dos índios do Brasil". Não esqueçamos o que esse Claude Mossé disse a respeito das doenças venéreas, o chamado "mal francês", o galico, introduzido pelas damas francesas na Amazônia, aquelas "damas" erradas que eram atiradas de cambulhada com os soldados na terra.

Na página 217 vem esta informação: "O menos que se pode dizer é que o comandante do corpo de Letícia apresenta alguma surpresa diante da minha juventude e, no seu espírito, a falta de experiência aparente do moço designado para servir de guia a seus homens, ao interior da Selva face às forças bolivianas". Que confusão desastrosa! Que "competence!" que código informativo! Na mesma página tem-se a certeza de que certas referências maldosas dizem respeito à unidade militar "Guerra na Selva", de instituição recentíssima demais para figurar em movimentos da década dos novecentos. A continuação (página 218) o cretino informa que essa guarnição composta de dois milhares de homens "é marcada sobretudo pela falta de treinamento da vida no mato e seu ódio aos indígenas mais motivadas apenas pela sua própria

miséria do que por sentimentos raciais".

A ofensa gratuita à bandeira nacional está na página 230: "À proa o pavilhão brasileiro com nossa divisa "Ordem e Progresso". Ordem e Progresso. Uma bela fórmula. Aplica-se sempre as fórmulas patrióticas? No Brasil a ordem reina pouco mais ou menos, o progresso é aproveitado de todo o mundo". Sem comentários...

Nesse manual de estupidez que se chama MA FORÊT AU BORD DU GRAND FLEUVE existem coisas desopilantes. O tolaz Claude Mossé conduz o leitor a admitir que do rio Juruá avistara a cúpula dourada do Teatro Amazonas! (pág. 232). E esta na mesma página: "Na manhã de 22º dia penetramos no porto de Manaus: o comandante de um goleta da Marinha, prevenindo por não sei quem, fez içar os estandartes de honra e soar as sirenas". Toda essa palhaçada para receber o Sebastião Bastos! E aí, o que acontece? O governador em pessoa vai a bordo saudar o Bastos (bolas, não custa nada sonhar e o devaneio é uma fórmula terapêutica de Bachelard)! Nunca se viu tanto dislate, tanta pulhice amontoada em pirâmide entruçulhada. E mais: "lançamos a ponte. A água está ainda baixa e o odor dos dejetos do mercado assaz nauseabundo. O governador avança no meio desses detritos. Digno e sorridente." O pulha faz sempre por ignorar que desde 1900 Manaus possui um cais dos mais modernos do mundo para atender a navios de grandes toneladas, com guindastes a vapor, etc. Só se refere ao porto de Manaus como sendo aquela praia do Mercado onde esteve a Cidade Flutuante. Além de tosar no árido esse puxiuera é perverso e se esquece de que todas as cidades, mesmo como Paris, possuem as suas mazelas!

Adiante, na página de número 235: "Um grande ventilador acionado por motor a petróleo gira no gabinete do governador". Que crápula! Onde já se viu em Manaus essa novidade. A fixação indígena marca o tônus desagradável dessas páginas ridículas. Se houvesse esse constante massacre de índios é duvidoso que a Amazônia contasse hoje ao menos com o tal "índio" Sebastião Bastos, o responsável presumível por todas as gratuitas ofensas do psicopata Claude Mossé.

A Maçonaria, também ela é alvejada mais por carolice seráfica do que por interesse histórico, figurando no ódio do "gringo" Claude Mossé ao lado da ofensa sistemática aos juízes togados. "Os juízes, Senhor Governador, são maçãos, Aureliano também, sem dúvida mesmo vós. Nada tenho contra a maçonaria, senão que ela é contrária à nossa moral indígena; mais grave é que os maçãos se protegem entre si. Após a época da borracha, eles constituem o mais formidável poder da bacia". Se isto fosse assim tão fácil tipos da bitola de um Claude Mossé não teriam escrito tanta sujeira. A verdade é que a Maçonaria sempre portou-se fiel aos seus princípios humanitários e nunca foi contra a moral indígena do sr. Bastos que afinal de contas não é índio nem sabe nada a respeito de índio. Mas as "lições" dadas por esse enfatuado ignorante Claude Mossé superam tudo quanto foi dito sobre a Amazônia pelos absentistas. Além do pirarucu mamífero que a ciência ignora o trapincola escreve "sambaqui" invés de "tambaqui", coisas muito diferentes. Mas leia-se esta beleza de informação "sui generis": "as panteras e os índios possuem um ponto comum: olhos azuis como pérolas..." Com esta urubu vai à festa. O homem que passou a ciência de Lineu para trás descobrindo pirarucus mamíferos e urubus que dão de beber aos

filhotes acaba de revolucionar a antropologia e a história natural com aquela de índios e panteras dos olhos azuis. Qual! Os dois sócios apostaram para ver quem mentia mais.

Diz ele, o "escritor"Claude Mossé: "É fácil de constatar nesse mercado que os indígenas de raça pura vão se fazendo raros. Que poderão realmente eles encontrar nessa cidade de 500.000 onde, nas ruas esburacadas pelas chuvas os japoneses são mais numerosos do que os brasileiros". Acho que o serviço de geografia e estatística está muito atrasado em relação à competência "científica" do pacóvio Claude Mossé. Ora já viram que asnada?

Mas o que tem a ver Brasília, uma cidade orgânica recente com Manaus? Que relação existe entre ambas se estão a mais de 900 quilômetros de distância? O autor não podia terminar o livro sem fixar uma das suas imbecilidades: falando ainda sobre o senhor Sebastião Bastos, de quem se despede na praça de São Sebastião o autor engrena a sua derradeira pachochada (pág. 284); "Eu o vi afastar-se, erguido à frente da sua pequena canoa".

Só a porrada!

NOTA DO AUTOR: este trabalho vai ser vertido para as línguas francesa e inglesa e largamente difundida na França.

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM